

David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 2, Metodologia Indutiva, Evidencial, Em Primeira Mão, Holística, Sequencial, etc.

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 2, Metodologia Indutiva, Evidencial, Em Primeira Mão, Holística, Sequencial, etc.

Ok, estamos de volta. E queremos continuar aqui com o número oito, que é que o estudo bíblico envolve uma séria preocupação com o processo. Antes de fazer isso, deixe-me apenas dizer mais uma coisa em relação ao número sete, esse negócio de interpretação, precedendo e determinando a aplicação; isso talvez precise ser um pouco matizado ou qualificado porque, de certa forma, você não pode separar essas etapas ou fases de estudo. Em outras palavras, há alguma aplicação que entra na interpretação e há alguma interpretação que, e claro, a interpretação informa claramente a aplicação.

Então, é realmente mais uma questão de abordagem espiracular. Isso quer dizer que começamos com a interpretação como alvo. Isto é, este é um alvo aqui, mas reconhecemos que todos nós, é claro, chegamos à interpretação da Bíblia a partir de certas preocupações de vida, experiências de vida e assim por diante.

E assim, não há como selar hermeticamente ou separar as nossas preocupações aplicativas do nosso trabalho de interpretação. Mas a questão é que queremos começar focando no que o escritor estava comunicando aos seus leitores originais, de modo a não trazer indevidamente as nossas preocupações, as nossas preocupações contemporâneas, para a interpretação, de modo a distorcer o sentido do que os escritores estavam tentando transmitir. comunicar com seu público original. Mas, como digo, tendo em mente que, apenas para sermos realistas, não podemos manter as nossas preocupações aplicacionais contemporâneas totalmente separadas.

Essa será, de facto, a razão pela qual nos preocupamos em interpretar o texto porque temos a convicção de que o texto tem algo a dizer-nos. Portanto, tudo isso para dizer que a aplicação será necessária ou que as preocupações aplicatórias irão necessariamente alimentar a nossa interpretação. Compreendemos isso, mas pensamos que é útil focar na interpretação e depois seguir em frente e focar na aplicação como alvo.

Agora, aliás, à medida que avançamos na aplicação, na prática, veremos que, neste ponto, podemos obter uma maior compreensão do significado original do texto.

Então, como eu digo, não se trata de dizer, ok, você está fazendo interpretação e só interpretação sem nenhuma preocupação com possibilidades aplicativas. E então, quando você passa para a aplicação, você não está mais preocupado com a interpretação, isto é, com a verificação do significado original do texto.

Não, é uma questão de foco ou alvo. Mas achamos importante diferenciar essas coisas em termos de foco ou alvo. Caso contrário, a aplicação será simplesmente transformada em interpretação.

E, novamente, é aqui que o ventriloquismo tende a acontecer. Assumimos que o significado essencial ou histórico do texto diz respeito às mesmas coisas que nos dizem respeito. E pode muito bem ser que parte do que está envolvido no estudo de uma passagem bíblica seja vermos que os tipos de preocupações, os tipos de perguntas que temos na verdade não são os do texto, e o texto pode na verdade estar nos afastando daquelas coisas que trazemos para outros aspectos de significado que precisamos ouvir e compreender.

Agora, como eu disse, passamos aqui para o número oito. O estudo bíblico envolve uma séria preocupação com o processo. Essencialmente, o que estamos sugerindo neste momento é que tudo o mais sendo igual, a qualidade dos resultados, quão boa é a nossa interpretação, quão útil é a nossa interpretação, quão precisa é a nossa interpretação, e também a nossa aplicação, que a qualidade dos resultados depende em grande parte da qualidade do processo.

Se todo o resto for igual, a qualidade do processo determinará a qualidade da nossa interpretação e da nossa aplicação. E é por isso que, como dizemos, temos que levar seriamente em conta o processo. Qual é a melhor maneira de estudar a Bíblia? Reflita sobre isso.

Esse é realmente um tipo de necessidade imposta a nós por Deus, que nos deu as Escrituras como nossa autoridade máxima. Agora, é claro, precisamos tomar cuidado com o que mencionei ou chamei em outro lugar, a falácia mecânica, e essa é a falácia de pensar que o estudo da Bíblia pode ser reduzido à mecânica, é redutível ao processo, de modo que é apenas uma questão de processo. Isso é uma falácia, ou seja, é um tipo de ponto de vista inválido porque o estudo da Bíblia envolve muito mais, é claro, do que o processo.

Na verdade, envolve, por um lado, a atitude com que abordamos a Bíblia. Chegamos à Bíblia com uma atitude de abertura à sua mensagem, abertura radical ao que ela tem a nos dizer? Quando chegamos à Bíblia, chegamos à Bíblia como pessoas que são realmente pessoas profundas, que experimentaram a vida profundamente? Brevard Childs mencionamos a primeira hora de Brevard Childs. Perguntaram a Brevard Childs como uma pessoa poderia se tornar um intérprete melhor, e a resposta de Childs foi tornar-se uma pessoa mais profunda, menos superficial e

melhor, de modo que a qualidade da vida de uma pessoa tenha a ver com quão bem ela realmente entende o sentido, a essência. daquilo que está sendo comunicado nas Escrituras.

E, a propósito, posso apenas mencionar aqui também, e costumo dizer isso aos meus próprios alunos quando eles perguntam como podem entender a Bíblia mais profundamente e de uma forma mais rica. Eu acho que é porque, voltando a algo que mencionamos há alguns momentos atrás, e que a Bíblia é teológica, quanto melhor senso teológico você tiver, o aprofundamento de suas instalações e do pensamento teológico e do raciocínio teológico realmente o ajudará. muito no estudo da Bíblia. Na medida em que esses livros bíblicos são textos teológicos, quanto melhor for a mente teológica, melhor for a razão teológica que você tiver, melhor será capaz de compreender o que está acontecendo aqui. Agora, é claro, a própria Bíblia afirma que as coisas espirituais são discernidas pelo Espírito Santo e pela pessoa dotada do Espírito.

A mente espiritual entende as coisas do Espírito que são comunicadas pelo Espírito nas Escrituras. E assim, não há realmente nenhum substituto para a experiência cristã para a compreensão profunda das Escrituras. Agora, é claro, isso não significa que alguém não possa entender a Bíblia a menos que seja um cristão, a menos que seja um cristão fiel.

Se fosse esse o caso, a Bíblia não teria poder ou potencial evangelístico. Nunca seria uma questão de uma pessoa pegar uma Bíblia, digamos, pelo menos em um cenário norte-americano, uma Bíblia de Gideão, mas também, eles estão ao redor do mundo, em um quarto de hotel, lendo-a pela primeira vez. sem oração, sem qualquer tipo de compromisso cristão, e assim chegando à fé em Cristo. Mas compreender a Bíblia em profundidade requer realmente alguma experiência real das realidades de que a Bíblia fala.

Portanto, existe aquele aspecto experiencial pessoal que também é essencial para uma boa compreensão da Bíblia. A nona suposição é que o método mais adequado para o estudo da Bíblia é aquele que é indutivo. Ou seja, é probatório.

E aqui, de certa forma, estamos chegando ao cerne da questão neste ponto, preciso dizer algo sobre o significado de indução ou indutivo. Agora, essas palavras são usadas de diversas maneiras pelas pessoas em geral e até mesmo por filósofos, lógicos e similares. Portanto, é muito importante sermos claros em termos do que queremos dizer com estes termos indutivo ou indução.

Por indutivo, queremos dizer essencialmente evidencial, que se opõe a uma abordagem dedutiva. Indutivo é uma abordagem evidencial. Dedutivo é pressuposicional.

Assim, uma abordagem indutiva é aquela que aborda os dados com abertura às provas desses dados, analisa as provas de uma forma justa e imparcial e, com base nas provas, tira conclusões a partir dos dados. Essa é uma abordagem indutiva. Considerando que uma abordagem dedutiva é aquela que começa com certas suposições, com pressuposições, e depois chega aos dados e lê essas pressuposições nos dados de modo a tirar conclusões sobre os dados com base, e não nos dados em si, entendidos de uma forma justa nos seus próprios termos, mas sim com base em pressupostos, os pressupostos com os quais começamos.

Essa é uma abordagem pressuposicional. Essa é uma abordagem dedutiva. Agora, na verdade, falamos sobre isso como uma suposição.

Isto também é uma convicção. Mas a nossa convicção é que uma abordagem indutiva é mais adequada para o estudo da Bíblia do que uma abordagem dedutiva baseada na própria natureza da Bíblia, na base do próprio carácter da Bíblia, em grande parte porque a Bíblia chega até nós como uma realidade fora do mundo. nós mesmos. Se pudermos personificar o texto bíblico por um momento, a Bíblia é uma realidade que vem até nós de fora de nós mesmos e procura nos dizer uma palavra nova, uma palavra que não corresponde necessariamente às nossas pressuposições ou suposições, mas que na verdade pode desafiar eles.

Você já percebeu em sua leitura da Bíblia que quase nunca um escritor bíblico diz ao seu público: tudo o que você pensa, tudo o que você faz, que você está fazendo está certo. Continue fazendo isso. Quase sempre, praticamente sempre na Bíblia, a mensagem do texto é um desafio para os seus leitores.

Tem alguma coisa errada. Há algo deficiente. Há algo que não está certo na maneira como você pensa, no que está fazendo.

E assim, a mensagem da Bíblia realmente desafia o pensamento e as práticas, e é assim que a Bíblia realmente se relaciona conosco. Não se conforma simplesmente às nossas pressuposições. Procura dizer-nos uma palavra nova, desafiando os nossos pressupostos, uma palavra nova que precisa de ser ouvida nos seus próprios termos, em contraste e muitas vezes contradizendo os pressupostos ou as suposições que lhe trazemos.

Lutero na verdade se referiu, portanto, à Bíblia como *adversarius noster*, isto é, nosso adversário, com o qual ele não quis dizer que a Bíblia está contra nós, mas sim que ela se posiciona contra nós para falar uma palavra nova e desafiadora, desafiando nossos pressupostos com o objetivo de trazer nossos pensando de acordo com o ponto de vista do texto. Portanto, é simplesmente mais realista compreender a Bíblia desta forma e chegar ao estudo da Bíblia indutivamente, em vez de dedutivamente. Agora, é verdade, e isso é algo que realmente precisamos enfatizar, que nenhum de nós está isento de pressupostos.

Todos nós temos pressupostos. Isso significa, portanto, que não existe indução absoluta ou pura. Todos nós temos pressupostos, mas o desafio e a obrigação que nos é imposta é, da melhor forma possível, identificar os pressupostos que temos.

Quando chegamos a uma passagem bíblica, seria útil perguntar-nos: o que penso que esta passagem significa? O que presumo que isso significa? O que espero que isso signifique? O que espero que isso signifique? O que espero que isso não signifique? Essas são pressuposições. É uma questão de identificar os nossos pressupostos, e depois ter identificado os pressupostos para expor esses pressupostos à evidência do texto bíblico, estar aberto à possibilidade de que esses pressupostos possam ser desafiados por este texto, e estar preparado para mudar os nossos pontos de vista, para mudar nossas ideias com base nas evidências do próprio texto bíblico. O principal é não permitir que pressupostos determinem conclusões.

Tentamos fazer tudo o que podemos para evitar isso. Adolf Schlatter, o grande estudioso pietista do Novo Testamento dos primeiros anos do século XX, disse que somente quando nos tornarmos conscientes das nossas pressuposições poderemos realmente superá-las. Muitas pessoas acreditam, na verdade, que há alguns que realmente se autodenominam devotos de uma abordagem indutiva das escrituras.

Muitas pessoas acreditam que não têm pressupostos, que são totalmente imparciais ou preconceituosas quando se trata do texto bíblico. São precisamente aquelas pessoas que são mais vulneráveis às suas pressuposições porque não as reconhecem e, portanto, não podem realmente compensá-las, por assim dizer, no seu estudo do texto, não podem realmente expor intencionalmente essas pressuposições à evidência da Bíblia. texto com o objetivo de mudar de idéia se, de fato, as Escrituras assim o exigirem. Agora, a décima suposição é que a indução é facilitada começando com o estudo direto em primeira mão e depois passando, finalmente, para a interpretação de outros.

Quando a maioria das pessoas pensa em uma abordagem indutiva para o estudo da Bíblia, elas pensam em termos de estudo direto da Bíblia. Na verdade, algumas pessoas realmente adotaram uma visão, uma definição de estudo bíblico indutivo, que o estudo bíblico indutivo é sinônimo de estudo direto do texto, e que assim que você começa a ler as interpretações de outras pessoas, como ler comentários, nesse ponto, você está se tornando dedutivo. Agora, com base no que acabamos de dizer em relação à nossa compreensão de indutivo versus dedutivo, você entende que essa não é a nossa visão de uma abordagem indutiva porque, é claro, para começar, uma pessoa pode se envolver em uma leitura direta ou estudo direto do texto, não fazendo uso de quaisquer outros recursos, e ainda lendo-o de forma bastante pressuposicional.

Assim, o estudo direto do texto não significa necessariamente que alguém esteja radicalmente aberto à mensagem da Bíblia em todas as suas diferenças. Isto é, diferença do nosso ponto de vista em nossos pressupostos. Por outro lado, inversamente, quando alguém lê comentários ou interpretações de outros sobre uma passagem, pode ser verdadeiramente indutivo nesse ponto.

Ainda se pode operar com base no compromisso de compreender a Bíblia em seus próprios termos, para não abandonar ou não abandonar a indução. Ninguém se torna dedutivo simplesmente por ler a interpretação de outra pessoa sobre uma passagem. Tudo isso é verdade.

No entanto, acreditamos que, como dizemos aqui, a indução é geralmente facilitada começando com o estudo direto em primeira mão e depois passando para a interpretação de outros. Em outras palavras, devem ser dadas prioridades ao estudo direto do texto em primeira mão, em detrimento da leitura de fontes secundárias e do que outras pessoas dizem sobre o texto. Devem ser dadas prioridades a isso, tanto em termos de sequência como de ênfase.

Tipicamente falando, começa-se com o estudo da própria Bíblia e depois vai-se para o que outras pessoas disseram, o que outros intérpretes disseram sobre isso, em vez de começar, digamos, indo ao comentário e obtendo a resposta do comentário e depois indo em frente e talvez nesse ponto voltando ao texto. Há alguns anos, fiz um curso sobre o livro de Atos em outro seminário teológico, não aqui em Asbury, e teria sido possível tirar nota A e ganhar nota A naquele curso sem nunca ter lido uma palavra do livro. do próprio Atos. Todo o curso foi focado no que certos comentários e estudiosos disseram sobre Atos.

Teria sido possível, como digo, nem sequer ter lido o próprio texto dos Atos. Esse curso foi nomeado incorretamente. Deveria ter sido nomeado não Atos dos Apóstolos, mas literatura ou opiniões acadêmicas sobre Atos dos Apóstolos, e não sobre o próprio livro de Atos.

E é realmente interessante que em universidades ou seminários, mas digamos faculdades ou universidades, se alguém estivesse fazendo um curso em Dickens ou em Chaucer ou em Milton ou qualquer outra coisa, nunca pensaria em ministrar um curso ou experimentar um curso assim, onde você não leria as fontes primárias. Se você fizesse um curso sobre Milton, pensaria que leria principalmente as obras de Milton. Mas muitas vezes a Bíblia não é ensinada dessa forma.

Freqüentemente, o estudo bíblico ou a instrução bíblica envolvem o foco em livros sobre a Bíblia, e não no próprio texto bíblico. E há uma série de razões para isso. Em grande parte, a razão é que existe um problema, especialmente nos seminários e nas igrejas, porque a mensagem da Bíblia é tão transcendente, tão divina e tão difícil de entender.

Novamente, falamos sobre o fato de que a Bíblia, o estudo da Bíblia é difícil porque vem de uma cultura diferente e é divina, divinamente inspirada. Isto é, envolve a afirmação pelo menos de que Deus fala conosco, de que Deus se revela através destes textos. Por causa disso, não se pode confiar às pessoas, às pessoas em geral, às pessoas nos bancos, a leitura da Bíblia por si mesmas e a compreensão do seu significado por si mesmas, que precisam da ajuda de uma autoridade.

E não simplesmente a ajuda de uma autoridade, mas uma autoridade que lhes dê a resposta, uma autoridade que lhes dê a interpretação destes textos. Howard Tillman Kist, que ensinou estudo bíblico indutivo durante anos no Seminário Teológico de Princeton, disse que, e é claro, ele estava falando, ele estava escrevendo, na verdade, em tempos pré-Vaticano II, dizendo que mesmo sendo uma igreja católica naquela época baseada em a igreja, o papa, o magistério para a interpretação da Bíblia, para que pelo menos muitas pessoas na igreja católica tivessem a sensação de que naqueles anos o significado da Bíblia deveria ser derivado não de sua própria leitura ou estudo da Bíblia, mas pelo que a autoridade, a igreja, a autoridade eclesiástica lhes disse que isso significava, que embora os reformadores tivessem reagido contra esse tipo de coisa e tivessem insistido que a Bíblia fosse dirigida à igreja como um todo, às pessoas em a igreja, e que os cristãos têm capacidade suficiente para compreender a Bíblia nos seus próprios termos, que houve aquilo a que Kist se referiu como uma recatolização da teologia protestante. Mas em vez de irem ao papa para obter a resposta, eles vão ao professor para obter a resposta e vão ao comentário para obter a resposta, a fim de derivar do comentário qual é o significado do que está sendo dito aqui.

Mas, na verdade, os comentadores não têm uma espécie de autoridade independente. A única autoridade que um comentador ou um acadêmico tem é uma autoridade funcional, ou seja, na medida em que um comentador ou um acadêmico pode ajudar-nos a derivar o significado do texto por nós próprios, terá esse comentador alguma autoridade funcional? O único valor de um comentador, o único valor de um estudioso, é como esse comentador ou estudioso pode ajudar-nos a compreender por nós mesmos e pode ajudar-nos na nossa própria leitura do texto bíblico. Então, o que há de errado, realmente, em começar indo a um comentário, puxar um comentário da estante e obter a resposta a partir dele, começando dessa maneira? Bem, existem realmente três problemas com isso.

Uma delas é, e esta é uma verdade psicológica, se você começar o estudo de uma passagem ou livro lendo o que outra pessoa, o que algum estudioso disse sobre isso, você estará colocando antolhos ou parâmetros em torno de sua própria compreensão dessa passagem. Em outras palavras, você estará se rebaixando, colocando-se em um certo caminho de compreensão do qual será difícil sair. Será difícil ver aspectos do significado dessa passagem que sejam diferentes do que você leu originalmente.

Todo o seu trabalho subsequente com essa passagem será, de certa forma, prejudicado pelo que você leu do comentarista no início. Um segundo problema é que tal processo rouba de você a alegria, o entusiasmo e o significado da descoberta em primeira mão. Há, de fato, uma excitação.

Existe uma possibilidade formativa, um potencial. Há um nível de significado e compreensão que surge ao encontrar ou derivar a verdade das Escrituras que você não tem quando tem uma ideia ou obtém uma interpretação de segunda mão. Não tem o mesmo nível de propriedade para você.

Você não tem o mesmo nível de domínio dessa verdade, dessa compreensão, dessa interpretação. Você não tem o mesmo nível de alegria e entusiasmo ao descobrir isso por si mesmo, e isso não terá o mesmo impacto formativo como se você descobrisse por si mesmo. E o terceiro problema é que isso realmente envolve o uso indevido de comentários.

Os comentários não são produzidos para substituir o seu próprio estudo do texto. Seu propósito, sua intenção é ajudá-lo em seu próprio estudo do texto, e não substituir seu próprio estudo do texto. Então, não se trata de não utilizar comentários ou fontes secundárias.

Não se trata, como disse há pouco, de dizer que quando você lê o que outra pessoa disse sobre este livro ou esta passagem, você não está mais sendo indutivo. Essa não é a questão. Esse não é o problema.

Aliás, as fontes secundárias, o uso de comentários, por exemplo, são um aspecto essencial de uma abordagem indutiva do texto. Mas a questão é saber qual a melhor forma de utilizá-los e qual a melhor forma de utilizar fontes secundárias. A nosso ver, pelas razões que mencionei e outras, é melhor começar pelo estudo do texto em si, fazer o máximo que pudermos com o estudo direto do texto, e depois passar aos comentários.

Eles serão mais úteis nesse ponto, mais úteis nesse ponto, do que se você começar com o uso de comentários para obter a resposta e realmente nunca fizer, ou apenas fizer posteriormente, seu próprio estudo sério do texto. OK. Então, como eu disse, essas são realmente as suposições.

E nós jogamos isso fora, devo mencionar, indutivamente. Como eu disse, não queremos descer como se estivéssemos dizendo que estas são ideias ou noções que vêm diretamente do próprio Deus. Eles não chegam até nós com o aval da revelação divina ou algo semelhante.

Estamos apresentando isso para sua consideração. E, aliás, esperamos que você opere com uma atitude indutiva em tudo o que fizermos durante estas horas. Não é uma questão de eu ficar aqui e lhe dar a resposta, a resposta certa, na qual você deveria acreditar simplesmente por causa de quem eu sou ou do que fiz ou seja lá o que for, que tipo de papel eu desempenhei.

Essa não é a ideia, é uma questão de lançar essas ideias para sua consideração. Você realmente precisa, você realmente precisa considerar cuidadosamente se concorda com eles ou não, se são úteis ou não. Mas esperamos que você faça isso indutivamente.

Ou seja, com razões, com provas. Diga, ok, por causa disso, disso e dessa consideração, acho que o que Bauer está dizendo aqui não está certo. Acho que é melhor seguir uma direção diferente.

Tudo bem. No que me diz respeito, é claro, teria acontecido, estaria tudo bem para mim ou não. Mas estou apenas indicando aqui que estou totalmente de acordo com isso.

Entendemos que seja esse o caso. E espero que seja isso que aconteça. Eu preferiria que você fizesse isso.

Isso quer dizer que você se envolve em uma reflexão crítica sobre o que estou apresentando, em vez de simplesmente aceitar o que estou apresentando como evangelho, sem qualquer reflexão crítica séria sobre isso. Agora, neste ponto, queremos passar para o que poderíamos chamar de convicções a respeito das principais características de um estudo bíblico sólido. E novamente, como mencionei há pouco, estamos apresentando isso como hipóteses de trabalho, não como um evangelho que tem uma espécie de autoridade independente, mas como hipóteses de trabalho que apresentamos para sua consideração.

Esperamos que você os considere seriamente. Agora, novamente, surge a primeira convicção neste negócio da indução, de que ela deveria ser indutiva. Isto é, passa de um exame de evidências para conclusões, evidências dentro e ao redor do texto bíblico, para conclusões sobre o significado, tanto o significado original do texto quanto o significado aplicado contemporâneo do texto.

Agora, isso realmente implica três coisas, e aqui vamos além do que dissemos há alguns momentos. A primeira é que implica uma ênfase na abertura, uma abertura radical às evidências e um compromisso de seguir as evidências onde quer que elas levem, não importa quão novas, inesperadas, arriscadas, assustadoras, estranhas, estrangeiras ou textuais.

Dr. Trena, com quem estudei aqui em Asbury no estudo indutivo da Bíblia, enfatizou esta noção de abertura radical à mensagem da Bíblia, abertura radical à mensagem da Bíblia. Isto é, às evidências, à abertura radical às evidências e às conclusões a partir das evidências, não importa aonde isso possa levar. Na verdade, é precisamente aqui que entramos em toda a questão da autoridade da Bíblia.

A Bíblia será, é a sua autoridade suprema, é uma autoridade suprema em sua vida se, de fato, você estiver radicalmente aberto à sua mensagem, não importa aonde ela leve, à evidência da Bíblia, ao ensino da Bíblia baseado com base em evidências dentro e ao redor do texto bíblico, não importa aonde isso leve. E isso pode ser uma coisa arriscada. Pode, por exemplo, fazer com que você mude a sua teologia, o que pode significar que pode colocar em risco a sua posição, a sua posição, até mesmo o seu trabalho ministerial numa determinada tradição teológica ou denominação ou semelhante.

É claro que muitas pessoas, ao longo dos séculos, deram a vida porque estavam convencidas de que a Bíblia ensinava uma coisa, quando, na verdade, a opinião predominante por parte de autoridades eclesiásticas poderosas e por vezes violentas era outra. De fato. Agora, isto implica, em segundo lugar, uma ênfase na observação.

Isto é, e sugere que se, de facto, a abordagem vai desde a evidência, especialmente no texto bíblico, até às conclusões, sugere que implica uma ênfase no conhecimento da própria evidência, a evidência no texto bíblico, e encontramos, nos familiarizamos com evidências no texto bíblico que serão a base para conclusões pela observação do texto, pela observação real do que está lá. Observamos o que está ali antes de considerarmos como alvo o significado do que está ali. Na verdade, você não pode lidar seriamente com o significado do que existe antes de se familiarizar com o que existe.

E conhecer o que existe é um processo de observação, de observar o texto. E então implica, em terceiro lugar, uma ênfase no uso adequado e criativo do raciocínio inferencial. Isto é, uma abordagem indutiva, que, como digo, é uma abordagem evidencial, que envolve um movimento da evidência para as conclusões, está muito preocupada com o processo de passar da evidência para as conclusões, e esse processo envolve raciocínio inferencial.

Agora, esse é um termo técnico. Ou seja, envolve tirar inferências a partir de evidências. Esta evidência implica que o significado deste texto é tal e tal.

Com base nas evidências, conluo. A evidência aponta, conluo ou deduzo desta evidência que este é o significado desta passagem ou deste livro. Isso significa, então, que devemos ter muito cuidado no que diz respeito à nossa lógica de passar da evidência à conclusão.

Agora, alguns de vocês neste momento podem estar pensando, bem, isso parece bastante técnico e formal, mas deixe-me apenas salientar que é assim que nós sempre, todos nós em todos os lugares, é assim que extraímos significado de qualquer passagem, não apenas uma Bíblia, mas qualquer leitura, mas certamente a leitura da Bíblia. Sempre que você se senta e lê a Bíblia, isso acontece. Você pode não estar consciente disso, mas é isso que você está fazendo.

Quando você lê uma passagem, você está implicitamente observando coisas naquela passagem e então tirando conclusões dela. Bem, a questão não é se isso está acontecendo ou não. O raciocínio inferencial está ocorrendo.

A questão é se até que ponto é bom, até que ponto é bom, até que ponto é adequado, até que ponto é fiável, até que ponto é válido este processo que está em curso? A propósito, muitas vezes, e esta é, claro, a essência de uma abordagem dedutiva, temos provas que não estão realmente na Bíblia, mas provas que vêm de fora da Bíblia. Digamos algumas noções de experiência pessoal ou o que ouvi de outras pessoas. Você tem esse tipo de dados extra-bíblicos que determinam nossas conclusões, e não os dados da própria Bíblia.

Novamente, esta seria uma abordagem mais dedutiva, em vez de uma abordagem mais indutiva. Então, a questão é sempre: quais são as evidências? Agora, pensamos também que a segunda convicção é que deve ser metódico – isto é, metodicamente reflexivo.

Qual é o melhor método para permitir que as Escrituras falem em seus próprios termos? E, claro, já conversamos sobre isso. Quero apenas mencioná-lo aqui como forma de ênfase. Deveria também, pensamos, ser sério e intencional.

E, novamente, já falamos sobre isso. Em quarto lugar, pensamos que deveria ser holístico e sequencial. Esta é uma das principais características de uma abordagem indutiva: ela é holística.

É abrangente. Toda consideração válida e relevante que entra na compreensão do texto bíblico faz parte de uma abordagem indutiva. É holístico.

Desta forma, aliás, uma abordagem indutiva não é simplesmente um método entre outros métodos. Não se deve considerar que se pode estudar a Bíblia usando o método indutivo, citando, sem aspas, ou usando, digamos, um método crítico narrativo ou um método literário ou, como outra opção, um método científico social ou, falaremos sobre estes um pouco mais tarde, método crítico de redação ou método crítico de fonte. Esse é um método entre outros métodos.

Um estudo bíblico indutivo não é um método junto com outros métodos. É uma abordagem, uma abordagem holística e abrangente que procura incorporar todos

esses métodos que existem na abordagem, no processo da melhor maneira e no momento ideal. Então, como eu disse, é holístico dessa forma e também, mas como eu disse, sequencial.

Mas é claro que, em termos gerais, é holístico e sequencial, e isso envolve tanto a interpretação como a aplicação em termos de preocupações. Em termos de procedimentos, envolve tanto o estudo individual direto em primeira mão quanto o estudo comunitário, esse tipo de coisa. Agora, aqui, preciso dizer algo a respeito da relação entre os encontros individuais no texto e o estudo comunitário ou corporativo, os encontros corporativos no texto.

Novamente, acho importante reconhecer que o método precisa refletir a natureza da própria Bíblia, e a própria Bíblia às vezes direciona a atenção para os indivíduos. Você tem na lei mosaica, por exemplo, lado a lado os mandamentos mosaicos que são direcionados aos israelitas individuais, ao lado daqueles que são direcionados à comunidade como um todo. Esta é uma maneira sutil, mas creio que profunda, de indicar e comunicar que esta instrução tem significado tanto para o indivíduo na vida do indivíduo como indivíduo quanto para a comunidade como um todo.

Você encontra a mesma coisa no Novo Testamento. Na tradição epistolar, nas epístolas do Novo Testamento, muitas vezes você tem instruções sendo dadas a toda a igreja, mas você também tem uma preocupação dentro das epístolas com o ministério ou instrução para cristãos individuais e assim por diante. Deixe-me apenas chamar sua atenção para Colossenses aqui, onde você está no final do capítulo 1 de Colossenses, e Paulo está dizendo isso em 1:28, ele, isto é, Cristo, nós proclamamos, estou usando a RSV aqui, alertando cada homem e ensinando cada homem com toda a sabedoria para que possamos apresentar cada homem maduro em Cristo.

Novamente a preocupação com o indivíduo para que reconheçamos então que em termos de procedimento há lugar para o encontro individual com o texto. Em certo sentido, todos nós, ou devo dizer, cada um de nós, estamos como um indivíduo diante do texto e o texto é dirigido a nós como indivíduos. E, portanto, deveria haver espaço para o encontro individual com o texto.

Claro, discutimos isso anteriormente quando discutimos a importância do estudo direto do texto. A propósito, há aqui uma consideração prática ou logística. Muitas vezes não temos escolha.

Em outras palavras, nem sempre temos ao nosso redor uma comunidade da qual participamos como estudantes do texto. Às vezes, simplesmente não temos outra escolha senão estudar a Bíblia ou ler a Bíblia por nós mesmos, porque não há comunidade ou grupo ali. Quando os pastores, em sua maioria, quando se preparam para sermões e trabalham com a Bíblia na preparação do sermão, eles o fazem na privacidade de seu próprio estudo em termos de encontros individuais com o texto.

É claro que a maioria das pessoas, a maioria dos cristãos, lêem a Bíblia diretamente, sem um grupo que forneça a dinâmica para a compreensão ou interpretação do texto. Portanto, é importante aprendermos a ler o texto por nós mesmos, sem a vantagem da assistência comunitária. Mas esse é um aspecto disso.

Por outro lado, como já mencionamos, há também um aspecto corporativo no texto. O texto não se dirige realmente a nós simplesmente como indivíduos, mas como uma comunidade de fé. Na verdade, há um sentido em que as Escrituras foram escritas para toda a igreja, para a igreja como um todo.

E é realmente à igreja, não apenas aos cristãos individuais, mas é à igreja que Deus deu a responsabilidade de interpretar as Escrituras. Portanto, há um aspecto comunitário nisso também. E esse aspecto comunitário também é muito importante.

E por essa razão, é útil interagir com outras pessoas, especialmente com outras pessoas da comunidade de fé, no que diz respeito à mensagem ou ao significado das passagens bíblicas. Muitas vezes, obtemos insights, não apenas através do que os outros dizem, mas no próprio processo de discutir o assunto com os outros, chegando mesmo a insights sobre o significado das passagens além do que alguém disse explicitamente, simplesmente por fazer parte da conversa. Ganhamos maior significado e compreensão do significado do texto.

E, claro, isto está realmente relacionado com o uso de comentários, o que realmente pensamos que não é uma opção. É realmente uma parte essencial de uma abordagem indutiva. Não basta simplesmente ler a Bíblia por si mesmo e chegar a uma conclusão quanto ao seu significado sem consultar ninguém da comunidade.

E, claro, o lugar mais óbvio para se ter uma ideia do que a comunidade de fé, a comunidade de estudiosos e a comunidade de leitores descobriram em termos do significado das passagens é consultar comentários ou obras que tratam da interpretação dessas passagens. O comentário é a forma mais típica, claro, em que os encontramos. Um dos verdadeiros pontos de significado, de importância do estudo comunitário, não apenas do estudo comunitário direto, digamos que você tem outro, você tem um grupo de pessoas que estão bem ao seu lado, com quem você está conversando, mas de forma mais indireta através o uso de comentários ou algo semelhante, é que ele fornece algum tipo de, fornece alguma verificação contra um tipo de interpretação idiossincrática, isto é, uma interpretação peculiarmente individual ou, digamos, não confiável, de uma interpretação não confiável individual de um texto.

Suponho que seja verdade, em princípio, que quando trabalho com uma passagem bíblica específica, posso chegar a uma interpretação dessa passagem que seja verdadeira, que seja precisa, que ninguém mais tenha pensado alguma coisa, que

ninguém mais tenha pensado. pensei em algo parecido. Ninguém jamais apresentou algo parecido com essa interpretação, mas a interpretação que tenho, embora seja diferente daquela que alguém já pensou, pode estar certa. Em princípio, isso é possível.

Na prática, sempre achei que isso era altamente improvável. E isso, portanto, uma das coisas que procuro, quando vou aos comentários ou ao que os estudiosos disseram a respeito de uma passagem específica, ou o que outros, aliás, disseram a respeito, é se existe alguma conexão. Não é que a minha interpretação deva ser totalmente desmontável ou redutível ao que alguém disse, sem deixar vestígios, de modo que não haja espaço para qualquer originalidade na minha interpretação.

Mas se não há alguma ligação entre a minha interpretação da passagem e o que outros disseram, então, é claro, tenho de ser suspeito no que diz respeito à interpretação que eu mesmo pensei estar presente. Aliás, esta questão de estudo individual e comunitário também se relaciona com a questão de saber se há lugar para interpretações individuais. Isto é, se as passagens têm apenas um único significado, se o significado das passagens pode ser um pouco maior do que um único significado, se as passagens podem significar mais de uma coisa, e se as diferenças individuais na interpretação podem refletir diferentes aspectos do significado de passagens que podem, de fato, estar certas.

Pessoalmente, não creio que seja muito apropriado, pelo menos precisamente exato, dizer que cada passagem tem apenas um único significado. E a razão para isso é realmente dupla. Por um lado, as passagens às vezes são multivalentes.

Isto é, às vezes as passagens podem significar intencionalmente mais de uma coisa. Deixe-me dar um exemplo disso. Se você abrir o capítulo 11 de João, é claro, descobrirá que nessa passagem, o versículo mais curto de toda a Bíblia é João 11:35, Jesus chorou.

Agora, na verdade, se você olhar para essa passagem em seu contexto, levar seriamente em conta todas as evidências, essa passagem em si é multivalente. Multivalente, aliás, é uma palavra que significa mais de um significado ou múltiplos significados, multivalente. Às vezes, as pessoas falam sobre polivalente, o que significa basicamente a mesma coisa que multivalente, mais de um significado, muitos significados ou algo parecido.

Mas pelo menos dois significados são possíveis aqui. Jesus chorou. Há evidências dentro e ao redor deste texto de que quando lemos Jesus chorou, o que João está sugerindo é que Jesus chorou por Lázaro.

Quer dizer, foi um choro de dor. Agora, é claro, Jesus sabia que iria ressuscitar Lázaro. Ele sabia que Lázaro sairia da sepultura.

Isso é verdade. Mas a ressurreição de Lázaro não é o mesmo que ressurreição. A ressuscitação aponta para a ressurreição, mas é claro, não é ressurreição porque uma vez que alguém é ressuscitado, não morre novamente, mas Lázaro foi ressuscitado para que ele morresse novamente.

Na verdade, algumas pessoas disseram que Lázaro, de certa forma, foi a pessoa mais azarada do mundo porque teve a infelicidade de morrer duas vezes. Mas quando João registra aqui que Jesus chorou, muito possivelmente ele está sugerindo que Jesus chorou por Lázaro. Isto é, foi um choro, foi um lamento de dor, o tipo de dor que todos nós experimentamos quando estamos diante de uma sepultura recém-preparada.

E a propósito, e se este for, de fato, o caso porque Jesus estava, de fato, chorando na presença da morte, ele estava experimentando tristeza. Lázaro seria ressuscitado, mas sua primeira morte na verdade apontou para o fato de que ele morreria fisicamente novamente diante da morte de Lázaro. Se, na medida em que a passagem sugere isso, ela realmente dá garantia, dá aprovação para o sofrimento cristão adequado.

Significa que quando estamos diante do túmulo de um amigo ou de um ente querido e estamos em verdadeiro luto e chorando, isso não é necessariamente uma negação ou uma traição à crença na ressurreição. Pode-se abraçar tanto uma firme convicção da ressurreição quanto a doutrina da ressurreição dos mortos e ainda assim sofrer. Aliás, apenas como uma luz lateral, a noção de ressurreição do Novo Testamento, é claro, insiste na ressurreição corporal dessas pessoas.

Voltaremos a vê-los, mas não teremos com eles a mesma relação que temos deste lado da morte. Teremos um relacionamento maior, um relacionamento transcendente, mas não o mesmo relacionamento, e por isso os cristãos lamentam a perda desse relacionamento específico. Mesmo sabendo que haverá, de certa forma, um relacionamento melhor, o relacionamento que tivemos morre com a morte física de alguém.

Mas há evidências iguais, pelo menos iguais, aqui ao redor de João 11:35 de que quando lemos Jesus chorou, ele não estava realmente chorando por Lázaro, mas na verdade estava chorando pelos enlutados. Ele estava chorando por aqueles que choravam porque viu no choro deles, no tipo de dor, no grau de dor dos enlutados ao redor do túmulo de Lázaro, ele viu pessoas que não estavam realmente abraçadas diante da morte de um ente querido, toda a noção da ressurreição. Em outras palavras, até certo ponto, eles estavam sofrendo, para usar a expressão de Paulo em 1 Tessalonicenses, como aqueles que não têm esperança, que não têm a mesma esperança.

Luto por aqueles que sofrem de uma forma desesperadora. Isto então levaria a uma compreensão bastante diferente do significado desta passagem, e é que ela é uma advertência contra um tipo de sofrimento que não inclui, como uma espécie de lastro ou contra-lastro, a crença na ressurreição. . Mas, como eu disse, isso é simplesmente um exemplo de um tipo de compreensão multivalente.

E você poderia, se fosse pregar sobre isso, você poderia pregar sobre isso. Você poderia realmente pregar dois sermões bem diferentes sobre o mesmo versículo. Significado não contraditório.

Esses dois aspectos do significado de João 11.35 não se contradizem, mas são diferentes. Eles são diferentes e multivalentes. Agora, além disso, você também tem o princípio que discuto em nosso livro intitulado Estudo Bíblico Indutivo.

Mencionarei isso aqui, incidentalmente, para não promover meu próprio livro, mas quero que você saiba que, em termos de recursos adicionais, produzimos um livro intitulado Estudo Bíblico Indutivo. O subtítulo é Um Guia Abrangente para a Prática da Hermenêutica, do qual o Dr. Robert Traina e eu somos coautores. E falamos sobre uma série dessas coisas publicadas pela Baker Academic Press, aliás.

Falamos sobre várias dessas coisas aqui no livro. Mas mencionamos no livro, falamos sobre isso com algum detalhe aqui, a noção de determinação e indeterminação. E aqui novamente, esta é uma espécie de expressão técnica, mas o conceito em si é bastante simples.

Na verdade, você tem um intervalo, ou poderíamos dizer um continuum, dentro da Bíblia. Algumas passagens estão na extremidade determinada do continuum, e outras estão na extremidade indeterminada do continuum. Uma passagem relativamente determinada é aquela cuja gama de significados possíveis é bastante estreita.

Mesmo aqui, você tem uma gama, mas não há uma ampla gama de interpretações legítimas possíveis. Aquelas passagens que estão no extremo indeterminado do continuum têm uma gama muito mais ampla de possíveis construções ou interpretações legítimas e específicas. Agora, observe que mesmo naquelas passagens que são relativamente indeterminadas, existem limites.

Portanto, não se trata de passagens que signifiquem qualquer coisa. Uma passagem que pode significar qualquer coisa não significa nada. São os limites que dão às passagens seu potencial de significado.

Assim, como eu disse, mesmo passagens indeterminadas têm limites, e mesmo passagens determinadas têm alcance. Agora, como eu disse, acho que não é exatamente correto dizer que cada passagem tem apenas um único significado, mas

há um princípio próprio por trás dessa afirmação, e é isso que acabei de articular, e é que sempre há limites ou limites de significado em qualquer passagem. Portanto, uma passagem não pode significar qualquer coisa.

Cada passagem tem um significado, mas esse significado pode ser mais amplo em algumas passagens e mais restrito em outras. Agora, é precisamente por causa da gama de significados possíveis, significados legítimos e interpretações legítimas que você tem diferenças de interpretação, pelo menos até certo ponto, com pessoas diferentes com base em origens individuais, experiências individuais, diferentes tradições teológicas e diferentes culturas. Eu, saindo da minha tradição, da minha tradição teológica na minha cultura norte-americana, posso ser atraído para um significado particular ou uma interpretação particular entre uma série de interpretações legítimas de uma passagem.

Essa interpretação está certa, mas não é a única correta. Esses outros não o contradizem, mas na verdade expressam mais, uma espécie de plenitude de sentido que eu, pelos parâmetros da minha própria experiência, formação, cultura e o que quer que seja, não vejo, pelo menos não vejo claramente ou não vê imediatamente. Agora, aliás, é claro, está bastante claro que a situação ótima aqui, o ideal, seria estarmos conscientes de tantos desses significados potenciais quanto pudéssemos.

E isto, mais uma vez, expressa tanto o que entendemos por interpretação individual, de modo que você tem, você sabe, diferentes interpretações individuais, cada uma delas correta, mas também a importância da interpretação comunitária. Chego a uma compreensão mais completa do significado de possíveis passagens à medida que me familiarizo com o que outras pessoas na comunidade de fé viram e disseram aqui. Aí, e é aqui, aliás, que a exposição intercultural é especialmente útil.

Voltaremos a isso daqui a pouco, quando olharmos, quando falarmos sobre como selecionar comentários ou o que esperar nos comentários, na medida em que você tenha acesso a eles. Mas quando olhamos para o que não apenas as pessoas do século 21 dizem, mas voltamos e olhamos para os pais. O que os pais, Agostinho ou Jerônimo ou Irineu ou Crisóstomo, disseram sobre esta passagem? Você realmente tem uma perspectiva diferente, porque eles falam de um contexto cultural diferente.

Ou, como nós, na América do Norte, temos a intenção de ler interpretações africanas de passagens, isso nos ajuda a chegar a uma compreensão melhor e mais completa do potencial de significado dessas passagens e similares. Portanto, tanto directo como individual, devo dizer, tanto individual como comunitário, e depois em termos de recursos, tanto racionais como espirituais. Agora falamos, é claro, sobre a importância do sentido espiritual.

Lutero referiu-se a isso como *zaka*, isto é, a substância das Escrituras relativa à substância da minha experiência. É assim que o sentido espiritual nos ajuda, nos

ajuda a compreender o significado, a profundidade do significado das passagens bíblicas. Mas você tem que entender, é claro, que a Bíblia está na forma de um discurso racional.

E assim, não apresentamos nenhuma desculpa, não apresentamos nenhuma desculpa, em termos de fazer pleno uso do nosso intelecto, do nosso racional, das nossas faculdades racionais. Existem alguns cristãos que acreditam que existe, que existe uma barreira profunda que deve ser criada entre o uso do intelecto, o uso da mente e a dependência do Espírito. Quanto mais levamos a sério as faculdades intelectuais ou racionais na compreensão do significado da Palavra de Deus, menos dependemos do Espírito.

Talvez até mesmo indo tão longe, alguns deles chegariam ao ponto de dizer que, na medida em que você se envolve de maneira racionalmente intencional, no processo de interpretação das Escrituras, mais você resiste ao Espírito Santo. O que devemos fazer é colocar nossas mentes em posição neutra e apenas permitir que o Espírito nos diga o que Deus quer que saibamos desta passagem ou deste livro. Mas, novamente, precisamos levar a sério o princípio de que o método de estudo da Bíblia deve refletir a natureza da própria Bíblia, e é manifestamente o caso que, através disso, a Bíblia chega até nós na forma de discurso racional.

Na verdade, muitas vezes, frequentemente, tipicamente, poderíamos dizer, a Bíblia apela à razão. Não apenas na famosa passagem de Isaías, vamos raciocinar juntos, diz o Senhor. Mas na verdade, em todo o Novo Testamento, há um apelo à razão.

Portanto, ao prestarmos atenção ao uso das nossas faculdades racionais na interpretação das Escrituras, estamos realmente nos submetendo aos métodos de Deus. Deus revelou, escolheu revelar-se na forma de discurso racional, e na medida em que usamos as nossas faculdades racionais para compreender o que está sendo dito aqui, estamos nos submetendo ao método de Deus para revelar-Se. Agora, é claro, também acreditamos nisso, e talvez, mas neste ponto, estamos realmente dizendo algo que precisa ser desenvolvido de uma forma mais completa, e isso tem a ver com quando falamos de precisão, sobre o que com base determinamos o que é preciso? Ou podemos até falar sobre uma interpretação precisa? É certo dizer que uma interpretação está certa e outra está errada? Que uma interpretação é melhor que outra interpretação? E se sim, com que base julgamos? Fazemos essa avaliação como uma interpretação é melhor que outra? Isto realmente entra na questão básica, realmente uma questão central, que é: o que é interpretação? O que é interpretação? Somente quando você aborda e responde à pergunta, o que é interpretação? Você pode determinar se uma determinada interpretação está certa ou errada, é boa ou ruim, é melhor ou não tão boa? Voltaremos a isso na próxima hora.

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 2, Metodologia Indutiva, Evidencial, Em Primeira Mão, Holística, Sequencial, etc.